

O Santo Padre Pio

Testemunha Privilegiada de Cristo

Do Catálogo da EDITORIAL AO:

Inácio de Loiola, Nunca Só

José María Rodríguez Olaizola

A Mãe de Calcutá – *Madre Teresa*

Roberto Allegri

Oscar Romero

Roberto Morozzo della Rocca

Um Papa que não morre – *A Herança de João Paulo II*

Gian Franco Svidercoschi

Edith Stein – *Pedagoga e Mística*

António José Gomes Machado

Arni Decorte

O Santo Padre Pio

Testemunha Privilegiada de Cristo

5ª edição, revista



EDITORIAL A.O.

Título original:

Père Pio – Souvenirs d'un témoin privilégié du Christ

© Frère Arni Decorte

Institut Saint Camille

Bierbeek (Belgique)

Tradução

Maria Eugénia de Sá da Bandeira

Capa

Francisca Cardoso Girão

Paginação

Editorial A. O.

Impressão e Acabamentos

Publito, Artes Gráficas, Lda.

Depósito Legal nº

465791/20

ISBN

978-972-39-0877-0

1ª edição

1982

5ª edição

Janeiro de 2020

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

www.redemundialdeoracaodopapa.pt | livros@snao.pt

Prefácio

Na antiguidade, Jesus tinha sido anunciado e revelado, antes da sua vinda, aos profetas e aos patriarcas.

Como Jesus, a Virgem Imaculada foi predita por Isaías e pelos profetas do Antigo Testamento.

O mesmo aconteceu com outros santos, tais como São João Batista, que foram precedidos pelos profetas, que proclamaram a sua missão, as suas obras e prodígios.

O Padre Pio também foi previsto e anunciado pelas vozes proféticas de almas místicas antes da sua aparição no Monte Gargano.

As palavras proféticas foram ditas por Lúcia Fiorentino, morta em odor de santidade, em 1934, depois de se oferecer como «vítima» ao Senhor pela libertação do Padre Pio.

Em 1906, quando o Padre Pio ainda vivia a sua vida escondida na sua «Nazaré de Pietrelcina», ignorado de todos, Lúcia Fiorentino revelou que, para o convento dos Capuchinhos de San Giovanni Rotondo, viria de longe um padre que seria como uma enorme árvore, tão bem enraizada e rica em frutos e em folhas que cobriria o mundo inteiro com a sua sombra.

Essa profecia realizou-se em 1916, quando o Padre Pio veio fixar-se em San Giovanni, para ali permanecer até à morte.

Foi-me pedido, muitas vezes, para escrever um livro sobre o Padre Pio, um livro mais completo do que aqueles publicados até ao momento em língua neerlandesa. Hesitei durante

muito tempo, porque me diziam que havia um outro livro em preparação.

Anos passaram e espero ainda. Em vista disso, pensei que era preciso não decepcionar mais tempo os numerosos amigos do Padre Pio. Pensei que devia eu mesmo escrever qualquer coisa a respeito do primeiro padre estigmatizado.

O livro teve um sucesso inesperado. Os nossos amigos de língua portuguesa esperavam uma tradução. Aqui a têm.

Durante cinquenta longos anos, o Padre Pio trouxe as marcas das chagas de Jesus no seu corpo, nas mãos, nos pés e no lado esquerdo. Tive a felicidade de me aproximar dele, de assistir à sua Missa, de me confessar a ele. Pude beneficiar dos seus excepcionais carismas. Pensei que tudo isso não me tinha sido concedido só para mim, mas também para que outros pudessem beneficiar, como o Padre Pio dizia, um dia, a um convertido: «Deus partiu-vos um pão maravilhoso; parti-o e partilhai-o vós também, para o bem das almas».

O meu livro quer ser um testemunho. Ele contará coisas pouco conhecidas.

O leitor poderá, assim, conhecer melhor a personalidade de um humilde capuchinho, o Padre Pio de Pietrelcina, bem como as conversões e curas sem número, devidas à sua intercessão. Estas páginas darão ao leitor uma ideia da extraordinária influência deste digno filho de São Francisco de Assis, a quem ele se assemelhava em tantos aspetos. Aprenderá também a «acreditar», em toda a extensão do termo, porque a fé não sofre limites nem acomodamentos. Quem discute a Fé, em vez de a aceitar como um dom e com uma consciência reta, perde-se no labirinto da Filosofia.

Prefácio

Para acreditar, no entanto, é preciso ter disso um desejo sincero. O Padre obter-vos-á essa graça, bem como a coragem de viver com fervor, porque ele era plenitude de vida, pela sua união perfeita com Deus.

Em contacto com o Padre, recebereis não somente o dom da Fé, mas também a Esperança e a Caridade. É nesse triplo espírito que escrevo as páginas que se seguem.

Possa este pequeno trabalho, que não pretende ser uma obra literária, fazer-vos um pouco de bem, encaminhar-vos na oração com amor e confiança e aproximar-vos de Deus e da sua Santa Mãe!

Recordo com gratidão todos os bons amigos que me ajudaram neste trabalho e tornaram possível a edição.

Irmão Arni

Francisco Forgione de Pietrelcina

*Nas cruzes da tribulação e da aflição, podemos gloriar-nos
de que pelo menos isso é nosso.*

Padre Pio

Grazio Forgione era um jovem de Valle, um lugarejo da parte antiga de Pietrelcina. Era de estatura mediana, de um físico rude e enérgico, de olhos vivos e muito escuros, sombreados de espessas sobrancelhas.

Era simpático e amigável. Apreciava a companhia alegre dos amigos. O seu amigo Michele Di Iorio tocava na perfeição *La Calascione*, uma espécie de guitarra hoje caída em desuso.

Grazio Cassone (os Forgione eram mais conhecidos por este nome na região), pelo contrário, não sabia tocar esse instrumento, mas tinha uma bela voz de que muito se servia. À noite, depois do trabalho, iam fazer serenatas às beldades da aldeia.

Grazio estava apaixonado por uma certa Maria. Mas quando foi preciso tomar uma decisão, não deu em nada. A desculpa oficial: os pais da rapariga recusavam dar o fogão que tinham prometido!

Mas o nosso rapaz já decerto tinha em mente uma outra rapariga, da vizinha povoação de Castello: Maria Giuseppa de Nunzio. Era um ano e meio mais velha do que ele. Era da mesma estatura que ele, esbelta, flexível, graciosa, firme como

um junco; e assim seria durante toda a vida. Não sendo uma beleza, era gentil, piedosa, trabalhadora.

Grazio e Giuseppa casaram em 1881. Como bons paroquianos, deviam cumprir o ritual dos costumes tão solidamente arreigados no Sul. Naquele tempo, dava-se muita importância em Pietrelcina às práticas contra a bruxaria. Temia-se o «Gli Uocchi», o mau-olhado, como se dizia na região, e conjurava-se a sorte recorrendo a grande número de práticas tradicionais.

O casamento não escapava a essas convenções. Assim, a noiva vestia-se como uma «Pacchiana». Vestido típico da região: saia de seda vermelha, delicadamente plissada, avental azul celeste e colete vermelho bordado a ouro, meias brancas bordadas e o característico lenço branco na cabeça. Levava ao pescoço uma espécie de escapulário com a efigie de treze santos, todos masculinos; na algibeira, um par de pequenas tesouras. Era assim vestida que se encaminhava para a igreja.

Ninguém podia molhar os dedos em água benta antes de a noiva ter feito o sinal da cruz; isto para evitar que ela fosse enfeitada. E ela devia fazer de maneira que, durante a cerimónia, o noivo se sentasse sobre uma aba da sua saia. Era evidente que esse ato da futura desposada, embora de forma inconsciente, era um gesto de submissão para com o marido. Giuseppa será submissa ao marido como nenhuma outra.

Também ele trajava um fato colorido, umas calças com galões brancos, meias brancas bordadas e um colete ornamentado de várias filas de botões, para afastar a força do mal e ter um casamento calmo e feliz.

Foi um casamento ideal sob todos os pontos de vista.

O jovem casal foi morar para casa dos pais de Giuseppa, no número 119 da rua de Santa Maria dos Anjos, onde ela nas-

cera. Um ano depois do casamento, nascia o primeiro filho. Recebeu no batismo o nome de Miguel.

Cedo mudaram para a casa paterna de Grazio, no Valle Vico Storto, onde continuaram a habitar. Quando falamos em casa temos em mente uma construção, um conjunto. Ora, a morada dos Forgione era dispersa por diferentes locais da rua. Isto era normal numa região isolada como Pietrelcina, onde as famílias recebiam as suas propriedades de diferentes membros da família ou iam comprando as que vagavam.

A casita que servia de quarto de dormir não era maior que um estábulo e tinha o número 27. Compreendia um quarto único de 3 metros por 3. Na fachada não tinha janela mas sim seis buracos na parede, a fim de evitar, quanto possível, o calor escaldante.

O interior era muito modesto, bem arranjado, tal como a cozinha e a sala de jantar, que se encontravam um pouco mais adiante, no número 31. A cama dos pais era constituída por uma armação de ferro sobre a qual se puseram umas tábuas e por cima delas dois colchões, um de folhas de milho, o outro de penas. Durante o dia, estava coberta com uma colcha bordada. O resto do mobiliário era composto por um guarda-fatos e algumas cadeiras. Havia um armário na parede destinado às provisões e um cabide rudimentar.

Foi aí que nasceu Francisco, o futuro Padre Pio, a 25 de maio de 1887, às cinco horas de uma tarde chuvosa. O ar primaveril era perfumado com o cheiro dos fenos cortados há pouco.

Pietrelcina (Província de Benevento) era, nessa época, uma pacata região onde a população era sã e crente. Um nascimento era considerado como uma bênção do Céu. A terra era

ingrata e árida, mas implorava-se ao Senhor e confiava-se na divina Providência.

O casamento de Grazio Forgione e de Maria Giuseppa De Nunzio foi abençoado com oito nascimentos. O Padre Pio tinha, portanto, sete irmãos e irmãs, três das quais morreram em criança. As colheitas eram fracas, as crianças numerosas para alimentar.

A Providência nem sempre os ajudava. Assim, os pais de família de Pietrelcina iam para o estrangeiro tentar a sorte.

Com o salário que ganhavam por essas regiões longínquas, educavam os filhos, enviavam-nos à escola, tornando-os homens e mulheres preparados para a vida.

Foi o caso de Grazio Forgione: expatriou-se para a América. Francisco devia estudar, mas para o instruir era preciso dinheiro: cinco liras por mês, o que representava um grande investimento para uma família.

Pietrelcina está situada a treze quilómetros de Benevento, trezentos metros acima do nível do mar. A pequena aldeia conta 6.000 habitantes; está encostada a umas rochas e tem duas igrejas: a igreja paroquial, consagrada a Nossa Senhora dos Anjos, e a igreja de Santa Ana, que se encontra nas proximidades da casita dos Forgione.

Nessa pequena igreja, onde todos os seus antepassados foram batizados, Francisco recebeu o batismo no dia seguinte ao seu nascimento. Foi aí também que passou, quando adolescente e, mais tarde, como padre, inúmeras horas em oração diante do Santíssimo Sacramento.

No dia do batizado de Francisco, o seu pai, «Zi Razio», como lhe chamavam os vizinhos, segurava atabalhoadamente a criança sobre a fonte batismal. Parecia-lhe que o Céu o tinha abençoado vezes demais, visto ter-lhe dado, antes de Francisco, quatro outros filhos: Miguel, Felícia, Graziella e Pellegrina.

Chorava comovido. No Sul, os recém-nascidos tornam-se cristãos pela água batismal e pelas lágrimas dos pais.

Quando criança, Francisco chorava continuamente; dava grandes cuidados ao pai. Acontecia que Grazio chegava do campo, extenuado pelo duro labor e pelo sol ardente. Meio partido e com os nervos à flor da pele, perdia a paciência e queixava-se amargamente. Com os modos duros e bruscos que o caracterizavam, dizia: «Mas quem temos nós em nossa casa? Dá-mo, que eu atiro-o pela janela. Já não aguento mais». Giuseppa tentava acalmá-lo: «Não podes fazer tal coisa. Jesus é que no-lo deu assim e nós devemos aceitá-lo como é. Vamos criá-lo para expiar os nossos pecados».

Tal como nos contos de fadas, Francisco recompensou bem os aborrecimentos que causou aos pais.

Nos primeiros meses da sua vida, foi levado a casa de um tal Giuseppe Faella, que passava por áugure. Era um homem doentio, dedicado ao estudo das constelações. Toda a sua ciência estava contida num livro cheio de sinais do zodíaco e de horóscopos, a que chamavam «O Rutílio». Tinha ganho a fama de adivinho; mas, na realidade, não fazia mais que aplicar as regras que o antigo saber dos astrólogos ligava à estrela sob a qual se nascia. As jovens mães traziam-lhe os filhos para que ele adivinhasse o seu futuro; um rito ingénuo que se encontra em muitas outras aldeias. Faella declamava com solenidade o

que o livro lhe sugeria, destacando as sílabas lentamente. Ao pequeno Francisco também foi lida a sina. Foi um oráculo espantoso, extraordinário. Erguendo ao céu os seus olhos azuis, balbuciou com voz trémula: «Esta criança será honrada pelo mundo inteiro. Manejará dinheiro sem possuir nenhum».

É a própria mãe de Francisco que nos conta este episódio.

Relembrando essa profecia, punha-se a sonhar: «Quem sabe, talvez que, quando for grande, Francisco vá para a América. Dessa maneira toda a gente o conhecerá».

Faella também anunciou que a criança viveria até aos noventa e oito anos. E o Padre Pio repetia isso por vezes, enfeitando a história com mil variantes. Um dia, a brincar, disse que, no fundo, não estava muito certo se viria a morrer aos noventa e oito anos. «O Rutílio», na verdade, pela boca de Faella, dizia que nessa idade se daria um grande acontecimento ou, então, uma desagradável complicação, mas não falava nem de vida nem de morte. Donde o Padre Pio, não sem humor, concluía: «passemos uma esponja sobre isso», fazendo um largo gesto com a mão como para apagar.

Essa história fez nascer a lenda de que o Padre Pio viveria até aos 99 anos. A previsão propagou-se pela vizinhança. Todos esperavam que assim fosse. A Providência decidiu de outro modo!

Sabemos pouca coisa sobre a sua infância e adolescência. Francisco era um rapaz calmo e profundamente religioso. Não suportava ouvir blasfemar. Quando ouvia pronunciar irreverentemente os nomes de Jesus e de Maria, as lágrimas saltavam-lhe dos olhos. Muito cedo deixou de participar em jogos, por vezes com brigas, dos seus companheiros de classe. As mais das vezes, afastava-se sozinho para rezar.

Sem se poder chamar guloso, o pequeno apreciava os frutos do pomar e certas gulodices que a mãe, demasiado pobre para as comprar, fazia em casa.

Um dos primeiros sinais do chamamento divino, ao qual Francisco respondeu generosamente, foi a sua piedade. Uma piedade fora do vulgar naquela população rural, embora muito cristã.

Os pais, católicos fervorosos, deram conta disso, sobretudo a sua virtuosa mãe, que, apesar das múltiplas ocupações, achava tempo para todos os dias assistir à missa.

Outra coisa ainda: o espírito de mortificação do garoto. Muitas vezes, a mãe encontrava-o de manhã dormindo no chão, com uma pedra a servir de travesseiro. Mostrava ter uma grande e precoce sensibilidade para o sobrenatural; e, o que ainda causa mais espanto, aos onze anos consagrou-se espontaneamente ao Senhor e a São Francisco.

Como teria ele chegado a isso? Ninguém o sabe. Poderemos talvez pensar que foi inspirado a isso quando, com a mãe, assistiu a uma pregação, talvez um retiro de uma missão pregada por um capuchinho. Alguns pensam que ele teria ficado impressionado por uma cura milagrosa de que foi testemunha na igreja de Altavilla.

Grazio, certo dia, levou o filho a esse santo lugar para uma festa de São Pellegrino, patrono da região. Foram ambos testemunhas de um incrível acontecimento. Diante da estátua do santo estava sentada uma mulher com o filho, uma pobre criatura anormal, com uma cabeça disforme. A mãe rezava e suplicava em alta voz. Por vezes, gritava de tal maneira que parecia ter endoidecido. Grazio queria vir-se embora para não assistir mais tempo àquele espetáculo, porém Francisco reteve-o e foi assim que ambos foram testemunhas de um facto

extraordinário. De repente, a mãe calou-se e, num gesto de desespero, ergueu a criança e atirou-a para cima da imagem do santo, gritando: «Aqui o tens, toma-o, se não o queres curar dou-to». Oh! Prodígio! A criança caiu sobre o altar e pela primeira vez pronunciou palavras inteligíveis. Estava completamente curada.

Diante deste milagre espantoso, a multidão começou a gritar. Num instante, a igreja foi invadida por uma turba de gente curiosa. Grazio viu-se rodeado por essa gente em delírio, tendo-lhe custado a sair. Levando o filho aos ombros, murmurou: «A culpa é tua de nos vermos nesta balbúrdia».

Não seria preciso mais para impressionar a alma da criança. Francisco Forgione tinha nove anos. Já nessa idade era favorecido por dons carismáticos. Foi assim que ele teve inúmeras visões da Santíssima Virgem. Também se sabe que ele gozava de presença visível do seu Anjo da Guarda.

Fisicamente, o pequeno, embora de boa saúde, era fraquito de constituição. Essa fragilidade, unida a uma grande piedade, impressionou o robusto camponês Forgione. Este era proprietário de uma parcela de terra pouco fértil. O simples e bravo aldeão tomou uma decisão: o pequeno Francisco era demasiado fraco e demasiado sensível para se tornar camponês numa região tão árida. Alegrou-se, portanto, com o sonho de que ele se fizesse frade.

Certo dia, Francisco entrava em casa com os cinco borregos que tinha levado a pastar no campo. O pai interpelou-o e disse-lhe:

– Francisco, não te vou deixar tistar ao sol; vou mandar-te estudar para seres um frade e, visto que assim o desejas, virás a ser capuchinho!

– Mas como havemos de fazer? – retorquiu o perspicaz rapazinho. Sem dinheiro, não há estudos. Sem estudos, não posso ser padre.

O pai, fiel ao Espírito Santo que lhe indicava o caminho, não se deixou vencer pelas dificuldades.

– Está descansado – disse ele. Vou partir. Irei para a América trabalhar. Terás os teus livros. Serei capaz de pagar os teus estudos.

Qualquer mal-entendido a respeito de Grazio Forgione deve ser afastado. Não foi ele que decidiu a vocação do filho mas, como bom cristão, conhecia o seu desejo e respeitou-o.

Alegrava-se com isso e procurava ajudá-lo. Daí a sua decisão de emigrar durante algum tempo para a América.

Entretanto, não quis que o pequeno crescesse na ignorância. Como não podia mandá-lo ao colégio, mandou que fosse aprender Latim com Don Domenico Tizzani.

Foi então que o demónio pôs as unhas de fora e pouco faltou para deitar tudo a perder. Don Tizzani era um padre despadrado que vivia retirado em Pietrelcina com uma das suas antigas penitentes; não gostava de se apresentar em público. O espírito de Francisco parecia totalmente fechado a qualquer ciência e, apesar dos esforços de Don Domenico, não conseguia aprender nada.

Francisco tinha por costume ajudar à missa todas as manhãs na igreja paroquial, antes de ir para as aulas. Isso contrariava o ex-padre, que se queixava, dizendo que o pequeno perdia tempo. Por fim, foi ter com a mãe de Francisco para lhe dizer que o rapaz faria melhor em ir trabalhar para o campo, porque não tinha vocação para os estudos; era uma perda de tempo e de dinheiro.

Quando ela lhe deu a conhecer esta opinião, a criança, habitualmente tão dócil, respondeu indignada:

– O quê? A minha cabeça oca! A cabeça dele é que não vale nada, porque vive em pecado.

Francisco tinha apenas sete anos.

Notamos aqui em Francisco, pela primeira vez, o futuro Padre Pio, o dom de ler nas consciências. Um dos seus mais notáveis carismas, aquele que virá a fazer afluir inúmeros penitentes do mundo inteiro ao seu confessionário.

A criança não estava informada das relações ilícitas de Don Tizzani. Quem lhe teria dado a conhecer a situação? Quem lhe teria inspirado tal repulsa para que se tornasse impossível qualquer entendimento entre mestre e aluno? De qualquer maneira, este insucesso foi para ele uma pesada provação que, sem a perspicácia da mãe, poderia ter deitado tudo a perder.

Longe de conservar qualquer ressentimento para com o seu antigo mestre, o Padre Pio, um dia mais tarde, terá a felicidade de lhe testemunhar a sua afeição, assistindo-o no seu leito de morte. Ele próprio nos conta o facto. No decurso do seu serviço militar, encontrando-se de licença em Pietrelcina, passou diante da casa de Tizzani, doente. À entrada, estava uma rapariga muito comovida, com os olhos cheios de lágrimas e com um olhar suplicante. O pai estava moribundo, abandonado por Deus e pelos homens...

– Ah, não pude resistir – conta o Padre – e entrei. A mulher do pobre homem ali estava, constrangida e desesperada, tal como a filha. Mandeí-a para a cozinha e fui direito ao quarto de dormir. Morreu nos meus braços.

Quando Francisco foi expulso por Don Tizzani, Grazio estava a trabalhar na América. Devia ter-se apercebido das dificuldades com que a mulher se debatia, embora seja duvidoso que ela soubesse manter uma correspondência assídua com o marido. Ele escreveu a Giuseppa para lhe dizer que o rapaz devia deixar Don Tizzani e que devia procurar-lhe um mestre melhor. A mãe, porém, não tinha precisado de receber essa carta para agir. Levada pelo seu instinto maternal, procurou e pareceu-lhe ter encontrado, na pessoa do Mestre Carcavo, que recusou. Numa pequena região como Pietrelcina toda a gente se conhece; tudo se sabe. Que diria Don Tizzani ao saber que aquele, que julgava menos instruído, poderia ter sucesso num caso em que ele nada tinha feito? Para mais, o Mestre Carcavo devia dinheiro a Don Tizzani e temia alguma represália por esse lado. No entanto, acabou por se deixar convencer pelas súplicas da mãe e pelas ameaças.

Mãe Giuseppa tinha pedido auxílio ao cunhado de Carcavo, que obteve o resultado desejado. Bastou-lhe dizer que haveria um corte de relações entre as duas famílias e que a sua mulher, irmã de Carcavo, nunca mais poria os pés em casa dele se se recusasse a ensinar Francisco.

Na escola aconteceu um caso que nos permite conhecer o caráter do jovem Francisco. Um aluno tinha escrito um bilhete de amor a uma garota. Francisco sabe quem é o autor. O professor descobriu a pequena a ler e perguntou quem tinha escrito o bilhete. Um rapaz levantou-se e gritou: «Foi o Francisco Forgione!». O futuro estigmatizado corou e calou-se. Humildemente, sofreu os ralhos e as reguadas. Nessa altura, o culpado levantou-se e confessou. O professor pediu desculpa a Francisco.

Quando, tempos depois, o Padre Pio contava esta história, dizia sorrindo:

– O professor pediu-me desculpa mas não me tirou as palmatoadas.

O seu novo mestre não era um homem extraviado como Don Tizzani, mas nem por isso era um modelo cristão. Como acontece frequentemente, a sua ciência aparente conduziu-o à dúvida e à descrença. Por isso, em maio de 1919, o Padre Pio escrevia ao seu antigo professor: «Lembro-me constantemente de si na minha humilde oração junto do Senhor e Deus bem sabe quanto eu o tenho importunado pedindo a sua completa conversão».

Três anos mais tarde, Angelo Carcavo reconduziu o jovem Francisco a sua mãe, dizendo: «Nada mais tenho a ensinar-lhe. Sabe tanto como eu. Bem depressa será ele quem me dará lições».

Assim, Francisco pôde apresentar-se junto dos Irmãos Capuchinhos. Passou brilhantemente no exame de admissão e, a 6 de julho, foi admitido como postulante, não ainda como noviço, no noviciado.

Como já dissemos, no Sul dá-se muita importância aos números e aos oráculos. Assim, no que diz respeito ao Padre Pio, dá-se um significado especial ao número 5. Além das cinco chagas sangrentas que tinha no corpo, nasceu a 25 de maio, às 05h00, no quinto ano do sétimo século de São Francisco de Assis. Além disso, a festa de Pio V, seu patrono, era celebrada a 5 de maio; em San Giovanni, ocupou a cela nº 5. Muito mais poderíamos acrescentar sobre este assunto.

Índice

<i>Prefácio</i>	5
Francisco Forgione de Pietrelcina	9
Noviciado austero	21
Manhas do demónio	27
<i>Ainda dois meses de vida</i>	31
Ordenação sacerdotal	35
Estigmas invisíveis	39
<i>Serviço obrigatório incomum</i>	45
<i>San Giovanni Rotondo</i>	49
<i>Exames médicos</i>	56
<i>O Doutor Festa, a respeito dos estigmas</i>	59
<i>Dissimulação das chagas</i>	61
Taumaturgo	67
<i>Ver sem pupilas</i>	69
A Santa Missa do Padre Pio	71
Um confessor exigente	77
Centro espiritual do mundo	91
<i>Advertência</i>	108
<i>Provações</i>	111
Liberdade e irradiação	115
<i>O Padre Pio defende-se</i>	118
Perfume de santidade	121
Bilocação	147
Predições e curas	173

«Sem recursos...»	207
O caminho de Damasco	211
Testemunhos eloquentes	235
De todas as classes, de todas as condições	261
Do mundo inteiro	263
Artistas regenerados	273
Devoção ao Anjo da Guarda	285
«Casa Sollievo della Sofferenza»	293
Derradeira provação	303
Morte do Padre Pio	305

Apêndices

Pio XII, Papa da oração	317
Grupos de Oração	320
Rápida difusão	322
Pequeno Manual para Grupos de Oração	325
Máximas do Padre Pio	328
Orações habituais do Padre Pio	344

Posfácio

Canonização do Padre Pio de Pietrelcina – <i>Manuel Morujão, s.j.</i>	351
Homilia do Santo Padre João Paulo II na canonização do Padre Pio de Pietrelcina	354
Discurso do Santo Padre João Paulo II aos peregrinos que vieram a Roma para participar na cerimónia de canonização do Padre Pio	358
Oração pedindo a intercessão de São Pio de Pietrelcina.....	362
<i>Índice</i>	363